

ASPECTOS MORFOLÓGICOS DOS VERBOS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ*

Mariana Ferreira da Silva¹

Christiane Cunha de Oliveira²

Faculdade de Letras/UFG

mari_avendano@hotmail.com

christiane.de.oliveira@hotmail.com

Palavras-chave: Línguas Jê; morfologia; verbos.

* Revisado pela orientadora.

¹ PIVIC 2010-11. Acadêmica do curso de Letras (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Lingüística pela University of Oregon (EUA). Docente dos cursos de Letras e Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

1. INTRODUÇÃO

Línguas filiadas ao tronco Macro-Jê estão concentradas na parte oriental e central do planalto brasileiro. Algumas dessas línguas formam a família Jê, que compreende línguas faladas desde o sul do Pará e Maranhão, ao norte, estendendo-se pelo Tocantins, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina, ao sul. Há uma grande diversidade de línguas e dialetos indígenas que devem ser considerados e estudados. A diversificação na estruturação dos verbos em cada língua possibilita uma gama variada de estudos, uma vez que é possível observar semelhanças nos condicionamentos de vários processos morfológicos e sintáticos das línguas da família Jê.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é conhecer as características mais marcantes da morfologia dos verbos de algumas línguas da família Jê. A partir das diferenças e semelhanças encontradas na estrutura verbal dessas línguas, poderemos entender os processos e características morfológicas típicas dos verbos nessa família lingüística. Observando-se dados de diversas línguas da família, e partindo-se de uma análise comparativa, pretende-se levantar os processos e fenômenos mais característicos dessas línguas, bem como seus respectivos contextos de condicionamento, para levantar dados concretos que auxiliem os estudos de gramática Jê, inclusive os de natureza diacrônica. Dessa forma, espera-se contribuir para o conhecimento sobre as línguas indígenas, uma vez que a família Jê caracteriza-se por rica diversidade gramatical, em uma tentativa de auxiliar o preparo do terreno para futuras análises histórico-comparativas em torno do tronco Macro-Jê.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa buscará uma análise comparativa da estrutura verbal, fundamentada na tipologia linguística, com base em dados lingüísticos selecionados a partir de teses, dissertações, periódicos e livros que apresentam o foco na morfologia da família Jê. As fontes utilizadas estão disponíveis através do portal *www.etnolinguistica.org*, para pesquisa sobre povos e línguas indígenas da América do Sul. Os dados foram selecionados de acordo com os

fenômenos recorrentes observados nas diferentes línguas da família, buscando-se observar como cada sistema opera.

4. RESULTADOS

A pesquisa se fundamenta em dados de línguas da família Jê, especificamente: Kaingang, Xokleng (ramo meridional), Pykopjê, Suyá, Parkatejê, Canela-Krahô³, Apãniekrá, Panará, Xikrin, Kayapó, Apinajé (ramo setentrional), Xavante e Xerente (ramo central).

Em uma primeira etapa, a análise dos dados selecionados apontou a emergência de três fenômenos com manifestações comparáveis nas línguas analisadas: o sistema ergativo, as formas finitas e não-finitas, e a utilização do dimorfismo verbal ou da reduplicação para a expressão de certas categorias gramaticais pertinentes ao verbo. Foram encontrados contextos similares de condicionamento para determinadas categorias gramaticais, assim como diferenças no que concerne aos ambientes de ocorrência de cada fenômeno. A afinidade genética e a distribuição geográfica demonstraram que, quanto mais próximas as línguas se encontram, mais semelhantes são os processos e características relativas à morfologia verbal, como é o caso de Kaingang e Xokleng – línguas Jê do ramo meridional – por exemplo.

5. DISCUSSÃO

Esta seção oferece uma breve caracterização de cada fenômeno, no contexto das línguas estudadas.

O dimorfismo e a reduplicação se caracterizam como processos lexicais. Nas línguas analisadas, observou-se a ocorrência de formas alternativas, para certos verbos, condicionada pela necessidade de expressão de certas categorias gramaticais. Este fenômeno é o que se denomina dimorfismo verbal, neste trabalho. Em outros casos, a expressão dessas categorias se manifesta através da repetição de partes da palavra verbal, constituindo um fenômeno a que se chama de reduplicação.

Com o dimorfismo verbal, os verbos podem apresentar pares de formas supletivas condicionadas pela categoria de número, em alguns casos, e pela forma dos objetos envolvidos no evento que se expressa, em outros.

³ Nomenclatura utilizada por Popjes e Popjes (1986:192).

- (2) ka tɛp kre (Alves 2004)
 ‘você come peixe’

Alves afirma que os contextos de subordinação das sentenças do Apãniekrá não desencadeiam o sistema ergativo como em Kayapó, Apinajé e Suyá. Nessas construções ergativas, a forma verbal é expressa pela forma não-finita do verbo. A autora ainda lança a hipótese de que essas quatro línguas teriam tido a ocorrência da forma não finita do verbo limitada a contextos de subordinação, mas que o Apãniekrá teria se diferenciado posteriormente, por apresentar essa forma verbal também nas orações independentes no passado simples. Além disso, há também o marcador ergativo da forma não finita, *tɛ*.

Dessa forma, conclui-se que o sistema ergativo caracteriza-se pela ocorrência do verbo em sua forma não finita – em posição não-final em Apinajé, Kayapó e Suyá, e em posição final em Apãniekrá. Além disso, esse sistema é condicionado pelo tempo passado simples em Timbira Apãniekrá, e pela ocorrência de verbos em contexto de subordinação para as outras três línguas em questão – esse mesmo contexto, em Apãniekrá, condiciona o sistema nominativo-absolutivo.

Em Xavante ocorrem construções com um morfema de forma *te* (e também \emptyset), que pode ser interpretado como índice do caso ergativo. Santos (2008) aponta que essas construções consistem em orações nominais, cujos predicados têm por núcleo nomes de ação derivados por meio do nominalizador de “nome de ação”, e podem corresponder a (a) orações relativas, (b) orações negativas e (c) orações subordinadas, cujos núcleos são os verbos transitivos nominalizados por esse morfema.

- (2) ʔwa te ʔi-bãdzã-rĩ tsiʔõdõ hã (Santos, 2008)
 1-ERG 3-fazer-NZR cesto ENF
 ‘Foi feito por nós dois, o cesto’

- (3) \emptyset \emptyset \emptyset -pa:wapto-p ʔõ di (Santos, 2008)
 3-ERG 3-ajudar-NZR NEG EST
 ‘você não ajuda ele’

(4) ʔaj-brēmẽ waptuj waphã Ø te Ø-wajhuʔu ʔõ di (Santos, 2008)

2-falar depressa CONJ 1 ERG 1-entender NEG EST

‘quando você fala depressa, eu não entendo’

Sousa Filho (2007) relaciona a posposição *te* do Xerente, cognata do mediador de posse *te* do Xavante, com uma marca ergativa. Contudo, em Xavante, diferentemente do Xerente, a marca *te* combina-se com o alomorfe zero da primeira pessoa absoluta, não tem expressão fonológica na segunda pessoa, e, na terceira pessoa, manifesta-se como *te te*.

Em Xavante, Santos (2008) aponta outro padrão ergativo-absolutivo em predicados que têm como núcleo uma classe específica de verbos, os quais requerem a combinação de um agente plural de primeira, segunda ou terceira pessoa com o morfema *-tsiwi*.

Costa (2003), sobre o Xikrin, afirma que as orações que têm status gramatical de nome, têm também predicados nominais e manifestam o padrão ergativo-absolutivo. As demais orações, cujos predicados são verbais, manifestam um padrão nominativo-absolutivo.

O caso ergativo, em Pykopjê, e segundo Amado (2004), é marcado também pela posposição *-te*, como se nota nos exemplos abaixo.

(5) a: -te rop popo ‘ (Amado, 2004)

2 ERG onça ver

‘você viu uma onça’

(6) wa ej-te to kreru: kakro (Amado, 2004)

1-ERG CAUS inhame quente

‘eu esquentei inhame (e não outra pessoa)’

A autora ainda ressalta que, com verbos transitivos, os pronomes obrigatoriamente se ligam à posposição *-te*, que só ocorre em sentenças transitivas no tempo passado.

5.2. Formas finitas e não-finitas

Boa parte dos verbos apresenta algum tipo de variação em relação ao tempo em que estão sendo expressos, apresentando formas finitas e não-finitas (também chamadas, por alguns autores, de formas “breves” e “longas”, respectivamente).

É o que ocorre com grande parte dos verbos ativos – tanto transitivos quanto intransitivos – em Pykopjê, de acordo com Amado (2004), e também em Krahô, língua na qual, segundo Popjes & Popjes (1986:192), a forma longa ocorre quando o tempo é o passado recente, assim como em Parkatejê, em que Araújo (1989) afirma que formas longas ocorrem também quando o tempo é passado.

Os exemplos a seguir são ilustrativos:

Pykopjê:

(7) ej-te aʔjê kor (Amado, 2004)
1-ERG carne comer
'eu comi a carne'

(8) awkaʔte wa ha aʔjê ko (Amado, 2004)
amanhã 1 FUT carne comer
'amanhã eu comerei a carne'

(9) wa aʔjê ko (Amado, 2004)
1 carne comer
'eu estou comendo a carne'

Krahô:

(10) ca a-te ton (Popjes & Popjes, 1986)
2 2-PAS fazer
'você o fez'

(11) quê ha ton pyrentu (Popjes & Popjes, 1986)
3 FUT fazer imediatamente
'ele o fará imediatamente'

Parkatejê:

(12) mẽ mpi tɔ (Araújo, 1989)
PI homens dançar
'os homens dançam'

- (13) mẽ mpi tɔr (Araújo, 1989)
PI homem dançar.PASS
'os homens dançaram'

Nota-se, nos exemplos da língua Krahô, acima, que há outro fator determinando a variação, que é o verbo estar em posição não-final na oração. Esse fator também determina a forma verbal longa em Pykopyê e em alguns casos em Xerente – ainda que sejam línguas SOV, algumas classes de palavras podem seguir os verbos, como, por exemplo, o morfema de negação:

Pykopyê:

- (14) wa ha tʃwa (Amado, 2004)
'eu vou banhar'
- (15) wa há ne: ej-tʃwir no:re (Amado, 2004)
'eu não vou banhar agora'

Xerente:

- (16) wa-za ã-mõrĩ (Wiesemann, 1986)
'eu irei'
- (17) ã-mõr-kõdi (Wiesemann, 1986)
'eu não vou'

Além disso, há variações devido à ocorrência com determinados pronomes, como é possível observar em Xerente e em Kayapó. A forma breve do verbo ocorre em Xerente apenas com pronomes do caso nominativo em orações não-habituais, enquanto em Kayapó, a forma verbal breve ocorre apenas com a forma pronominal livre, e a forma verbal longa ocorre com as formas pronominais presas.

Reis e Silva & Salanova (2000) apontam a correlação entre as formas finita (breve) e não-finita (longa) e a marcação de caso em Mëbengrokê: as formas não-finitas ocorrem nas orações negativas, subordinadas e nominalizadas e, com baixa frequência, nas orações principais. Para as formas finitas, somente a pessoa do objeto (pronome de forma presa) se

flexiona nos verbos transitivos; e o sujeito é expresso pelos pronomes (livres) do caso nominativo.

Os exemplos abaixo, do Mëbengrokê, foram selecionados de Reis Silva e Salanova (2000).

(18) arɣm nẽ ba kum piok janɔ (Reis e Silva & Salanova, 2000)

‘já enviei para ele a mensagem’

(19) Kraje ije kum piok janɔɔ ket (Reis e Silva & Salanova, 2000)

‘mas não enviei para ele a mensagem’

Também quanto à marcação de caso, Ferreira (2003) amplia a discussão sobre a distinção de formas finitas e não finitas em Parkatejê, apontando que as formas não-finitas ocorrem no contexto do passado perfectivo, e as formas finitas ocorrem em tempo não-passado e aspecto não perfectivo. Respectivamente, seriam os casos absolutivo-ergativo e nominativo-acusativo. Em relação a isso, Alves (2004) aponta que a diferença morfológicamente visível na raiz verbal está associada ao sistema de marcação de caso cindido nessa língua – ora ativo-estativo, ora nominativo-acusativo –, sugerindo que, em sentenças independentes, o verbo estaria na sua forma finita, e em sentenças subordinadas, o verbo assumiria sua forma não finita.

Quanto à categoria de aspecto, em Panará e Suyá é possível observar o condicionamento: em Panará, de acordo com Dourado (2001), na forma não finita do verbo, os sufixos **-ri -ni -ti**, ou a reduplicação da última sílaba codificariam o aspecto perfectivo, e na forma finita, o morfema zero codificaria o modo imperfectivo para uma classe de verbos em Panará.

No aspecto progressivo, em Suyá, e de acordo com Santos (1979), ocorrem as formas não-finitas (também em contexto sintático de negação e em construções com “mã” – futuro); e, para o aspecto não progressivo e construções não negativas e não futuras, ocorrem as formas finitas.

Enfim, é notável que as condições para o surgimento da forma finita ou não finita dos verbos assemelham-se, e, possivelmente, hipóteses diacrônicas serão capazes de explicar completamente o condicionamento de todos os casos semelhantes dessas línguas.

5.3. Dimorfismo verbal e reduplicação

Alguns verbos, para expressar número, podem ter suas formas modificadas. Como aponta Almeida (2008), os verbos em Kaingang apresentam dimorfismo devido à pluralidade, em certos casos, e reduplicação, em outros. O dimorfismo ocorre quando um determinado conceito lexical de natureza verbal é expresso por duas formas inteiramente distintas; enquanto no processo de reduplicação uma parte do vocábulo se repete, podendo vir acompanhada de algum tipo de modificação na seqüência de fonemas, o a raiz verbal se repete por inteiro.

Essas circunstâncias também determinam as formas alternantes em verbos da língua Xokleng. Gakrán (2005) mostra a reduplicação para formação de plural em verbos, assim como formas supletivas para singular e plural. Gakran afirma que parece melhor dizer que há sempre concordância do verbo com o objeto, se este for bivalente ou mais. Se o objeto deve ser indicado como plural, isso é feito através do verbo, tanto com duplicação, quanto com dimorfismo, sendo o dimorfismo uma propriedade específica de certos lexemas e não de outros. Os exemplos do Xokleng são ilustrativos:

(20) Jug vũ do hánhan mũ (Gakrán, 2005)
pai MS flecha fazer ASP
'meu pai fez várias flechas'

(21) Óg vũ mũ tẽ (Gakrán, 2005)
3p MS ir(plural) ASP
'eles irão'

D'Angelis (1998), para fatos semelhantes em Kaingang, defende a visão de que não se trata de concordância, mas de expressão de multiplicidade ou repetição de ação no verbo.

Kaingang:

(22) gĩr vy **kutẽ** (D'Angelis, 1998)
menino M.S cair(sg)
'eles irão'

- (23) gĩr ag vy **vár** (D'Angelis, 1998)
menino M.PL. M.S cair.PL
'os meninos caíram'

Xokleng:

- (24) nẽm (singular) vin (plural) (Gakran, 2005)

Acima, em Kaingang, temos o verbo kutẽ 'cair' no singular, e vár 'cair' no plural, caracterizando, portanto, o dimorfismo, uma vez que para um mesmo conceito lexical há duas formas inteiramente distintas.

Nos seguintes exemplos, o fenômeno é o da reduplicação, visto que uma parte do vocábulo se conserva (podendo apenas alguma parte ser modificada, ou acontecendo a reduplicação completa do verbo).

Kaingang:

- (25) Pó vy gĩr **kãñĩ** (Almeida, 2008)
pedra M.S menino atingir.SG
'a pedra atingiu o menino'
- (26) Pó ag vy gĩr **kanĩgnĩ** (Almeida, 2008)
pedra M.PL. M.S menino atingir.PL
'as pedras atingiram o menino'
- (27) Kónhĩgnhĩ ag vy kógfo **gun** (Almeida, 2008)
rã M.PL. M.S vespa engolir.SG
'as rãs engoliram a vespa'
- (28) kónhĩgnhĩ vy kógfo ag **gungun** (Almeida, 2008)
rã M.S vespa M.PL engolir.PL
'a rã engoliu as vespas'

Xokleng:

(29)	<i>hõn</i>	(sg)	<i>hõnhõn</i>	(pl)	‘derrubar’
	<i>pum</i>	(sg)	<i>pumpum</i>	(pl)	‘rachar’
	<i>kym</i>	(sg)	<i>kymkym</i>	(pl)	‘cortar’

Na língua Xavante, McLeod e Mitchell (1977) identificam verbos transitivos e intransitivos com alterações formais, também distribuídas de acordo com o número do objeto. Por exemplo, o verbo transitivo ‘matar’ aparece na forma **wĩrĩ** para objeto singular, **pãrĩ** para objeto dual, e **tsibrõ** para objeto plural. Também o verbo intransitivo ‘chegar’, aparece com suas formas para objeto singular, dual e plural – respectivamente *witsi*, *ʔajbãtsitsi* e *ʔajhutu*.

Em Apinajé, Oliveira (2005) aponta pares lexicais de verbos que, mesmo sendo semanticamente semelhantes, contrastam no que diz respeito ao número do argumento absolutivo. Esse contraste parece ser determinado por uma distinção entre plural, por um lado, e singular, dual e não plural, por outro lado – o que também se observou em Xavante.

Em Panará, Dourado (2001) aponta que pelo menos três verbos apresentam raízes supletivas para suas formas no plural, sendo eles: *tu-ri* (sg) e *hoyow-ti* (pl) ‘carregar na cesta’; *te* (sg) e *yoyo* (pl) ‘cair’, *te* (sg) e *anpiain* (pl) ‘correr’. Porém, a autora não dá mais explicações sobre o assunto.

Outro contexto em que as formas verbais apresentam formas alternantes é para expressar a forma dos objetos. Em Kaingang, Almeida (2008) aponta que se o objeto que acompanha o verbo tiver uma característica física que remete a comprimento, haverá um verbo específico, se não, um outro verbo será usado. Por exemplo, verbo com glosa ‘pegar’ pode aparecer na forma *va* se o objeto a ser pego for uma caneta (tendo, portanto, uma forma comprida), e na forma *ma* se o objeto for uma caixa de giz. Mas ainda não se sabe se esse tipo de variação é comum a todos os conceitos verbais, fato pelo qual Almeida menciona que o assunto deve ser mais bem investigado.

Algo similar também ocorre em Xokleng, uma vez que alguns verbos operam com uma classificação cultural, expressa linguisticamente, baseada na forma dos objetos. Por exemplo, para o sentido de ‘dar’ há vários verbos: um para objetos compridos, outro com objetos redondos, outro com objetos compridos em pé, etc.

Há, portanto, verbos que se organizam de acordo com as características de seu objeto, além de descreverem a natureza da ação. Verbos como *ku-krẽ* e *ku-ku* (Parkatejê), referem-se ao ato de comer, em geral, que exige o ato de mastigação regular. Porém, de acordo com

Ferreira (2003), há outros verbos em Parkatejê cuja ocorrência depende do objeto da ação da noção ‘comer’, como é o caso de kãm-tʃə é usado para descrever a ação de comer coisas como milho, jabuti e kupa (espécie de cipó). Tais alimentos exigem uma mastigação semelhante, isto é, vigorosa, em certo sentido. Já o verbo him-tʃə é usado para a noção de comer alimentos como castanhas em geral, coco, sapucaia, amendoim, os quais exigem um tipo de mastigação que triture. O verbo kuho, por sua vez, descreve a ação de comer que envolve a ação de sucção. São objetos desse verbo frutos como cacau, cupuaçu, manga e ingá, além do ato da criança lactente ao se alimentar do seio materno.

Além desses casos, há variação de acordo com a causatividade, como vemos no exemplo abaixo, da língua Kaingang, no qual o verbo muda quando o objeto da primeira sentença passa a sujeito na segunda, ou seja, há uma mudança de valência.

(30) gĩr vy janela mranh (Almeida, 2008)
menino M.S. janela quebrar
‘o menino quebrou a janela’

(31) janela vy mráj (Almeida, 2008)
janela M.S. quebrar
‘a janela quebrou’

Logo, a partir da observação dos dados dessas línguas, observa-se semelhanças no condicionamento do fenômeno do dimorfismo.

6. CONCLUSÕES

As características morfológicas dos verbos em línguas da família Jê são bem semelhantes no que diz respeito aos ambientes e condicionamentos dos fenômenos e processos das línguas. Porém, também se notam muitas divergências, especialmente entre línguas que se encontram mais afastadas entre si.

A diversidade gramatical das línguas dessa família abre espaço para diversos estudos, e os resultados encontrados nessa pesquisa poderão servir, talvez, de esboço para que se dê continuidade aos estudos de gramática Jê, que são línguas que devem ser consideradas e estudadas, uma vez que também contribuem para a constituição da cultura brasileira.

Os fenômenos observados foram: dimorfismo verbal, reduplicação, o sistema ergativo e as formas finitas e não-finitas dos verbos.

Sobre o dimorfismo, conclui-se que os contextos de condicionamento são: expressão de pluralidade, forma dos objetos, causatividade, número do objeto, posição, tipo de comida e natureza do objeto.

Línguas como Kaingang, Xokleng e Panará, apresentam formas alternantes para expressão de pluralidade – o que Gakrán afirma ser concordância do verbo com o objeto, ou seja, se o objeto deve ser indicado como plural, isso é feito através do verbo. Em Kaingang, também a causatividade – mudança de valência – determina o fenômeno do dimorfismo.

Também a forma dos objetos condiciona o aparecimento do dimorfismo em Kaingang e em Xokleng, enquanto em Apinajé e Xavante há o condicionamento de acordo com o número do objeto. Ainda em Apinajé e também em Parkatejê, o tipo de comida também é fator condicionante para o aparecimento das formas supletivas, no que diz respeito à qualidade e textura do alimento. Além disso, em Parkatejê, também a natureza do argumento pede modificações nas formas verbais. E em Kaingang, a causatividade também determina o fenômeno do dimorfismo.

Quanto à posição, viu-se em Apinajé que verbos de posição possuem seus pares lexicais, o que remete aos verbos posicionais em Parkatejê, que semanticamente descrevem a posição física que algum objeto ou entidade pode assumir, e que ocorrem como elementos constituintes de construções seriais verbais, indicando noções aspectuais.

Portanto, observa-se que os condicionamentos se assemelham, nessas línguas, apontando que o fato de geneticamente mais próximas favorece essas semelhanças na estruturação dos verbos. Dessa forma, pretendeu-se alcançar um maior conhecimento dos processos em ocorrência nessas línguas, na tentativa de melhor entendê-las e contribuir com futuros estudos acerca dessa família linguística.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leriana de. *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang: uma proposta de análise*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

ALVES, Flávia de Castro. *O timbira falado pelos Canela Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese de doutorado, UNICAMP, 2004.

- AMADO, Rosane de Sá. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykopjê*. Tese de doutorado, USP, 2004.
- COSTA, Lucivaldo Silva da. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2003.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1998.
- DOURADO, Luciana. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2001.
- FERREIRA, Marília.N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003
- GAKRAN, Nanblá. *Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) 'Jê'*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2005.
- GUEDES, Marymarcia. *Suyá: a língua da gente. 'Um estudo fonológico e gramatical'*. Campinas: Unicamp, 1993.
- JEFFERSON, Kathleen. *Gramática pedagógica Kayapó*. Brasília: SIL, 1980.
- MCLEOD, Ruth & MITCHELL, Valerie. *Aspectos da Língua Xavante*. Brasília: SIL, 1977
- OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. Tese de Doutorado, University of Oregon, 2005.
- SANTOS, Juliana Pereira dos. *Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavante*. Dissertação de mestrado, UnB, 2008.
- SANTOS, Ludoviko dos. *Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá, Família Jê*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1999.
- SOUZA FILHO, Sinval Martins de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2007.